

101 palavras para falar de livros

Nestas 101 Palavras apresentamos obras que convidam à leitura oral, o que nos levou a reler Daniel Pennac, recordando a sua constante valorização da leitura em voz alta. Transcrevemos um excerto que nos pode auxiliar, enquanto mediadores de leitura, durante a apresentação das obras que amamos aos nossos jovens leitores.

O homem que lê em voz alta expõe-se em absoluto. Se ele não sabe o que está a ler, é ignorante no que diz, é uma lástima, e isso ouve-se. Se se recusa a habitar a sua leitura, as palavras mantêm-se letras mortas, e isso sente-se. Se inunda o texto com a sua presença, o autor retrai-se, e nada mais resta do que um número de circo, e isso vê-se. O homem que lê em voz alta expõe-se totalmente aos olhos que o escutam.

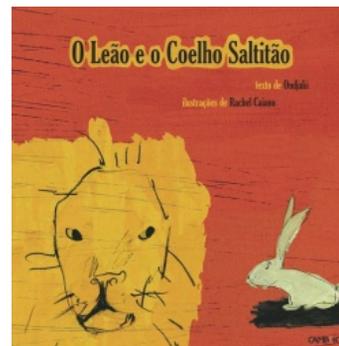
Se ele lê verdadeiramente, se nessa leitura coloca o seu saber dominando o seu prazer, se a leitura é um ato de *simpatia* tanto para com o auditório como para com o texto e o seu autor, se consegue dar a entender a necessidade de escrever acordando a nossa mais obscura necessidade de compreender, então os livros abrem-se por completo, e a multidão dos que se julgavam excluídos da leitura, mergulham nela atrás dele¹.

O leão e o Coelho Saltitão

Texto de Ondjaki

Ilustrações de Rachel Caiano

Caminho, 2008



A partir de um conto angolano de tradição oral, Ondjaki reescreveu *O leão e o coelho Saltitão* e explica-nos porque é que estes dois animais não são grandes amigos *na floresta grande e mesmo nas outras florestas*. Foi assim! Em situação de grande escassez de alimentos, um leão e um coelho aliaram-se para encontrarem alimento que os salvasse da penúria. O que à partida pode parecer estranho. Porque é que o leão não se lançou logo sobre o coelho? É que o coelho, animal assaz esperto e prevenido, foi manipulando o rei da Floresta imaginando uma situação que acabou por lhes proporcionar muita carne fresca e saborosa. O pior foi o momento da partilha em que o leão fez valer a sua realeza e deixou para o coelho umas míseras sobras.

Mas mais uma vez a esperteza venceu a tirania: o coelho enganou o leão e acabou por ficar com a melhor parte. Claro que o rei da Floresta Grande não gostou e, a partir daí, tudo o que se passou foi uma questão de sobrevivência.

Após uma expressiva leitura oral docente em contexto escolar, frequentemente interrompida para mobilizar e questionar opiniões a leitores e ouvintes, esta obra pode ser objeto de um produtivo trabalho de transformação de texto (a divisão em atos e cenas, o tratamento das falas) para ser representada em palco.

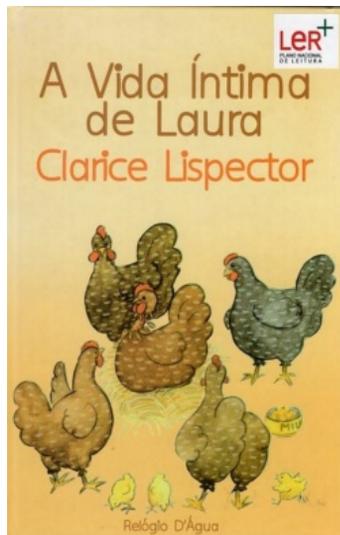
“Certa tarde, o Leão, rei da Floresta Grande, estava esfomeado e cansado de comer ervas e peixe seco. Chamou o seu amigo Coelho Saltitão para resolver esse problema da fome.

– Meu grande amigo Coelho – cumprimentou o Leão.

– Leão, meu velho... Como vai essa saúde?

– A saúde vai mais ou menos... O pior é a fome. Não aguento mais comer raízes e frutos que não sabem a nada. Apetece-me carne, carne fresca e abundante. Entendes?” (p. 8)

¹ Pennac, D. (1993). *Como um romance*. Edições ASA, p. 165.



A vida íntima de Laura

Texto de Clarice Lispector
Ilustrações de Flor Opazo
Relógio D'Água Editores, 2012

Clarice Lispector dá-nos uma obra em que a oralidade se impõe. Num estilo direto, com a presença de um narratário sempre próximo, a autora revela-nos a vida íntima de Laura, uma galinha muito simples. Em primeira pessoa, a voz do narrador estabelece um diálogo constante com o leitor; cativa-o, partilhando os sentimentos que a personagem lhe suscita, despertando-lhe um interesse constante através de estratégias de mobilização e de antecipação da leitura, e, se alguma palavra pode parecer mais difícil de entender, explica-lhe o significado sem que a narração se interrompa. É impossível não se gostar de Laura que *tem um medo danado das pessoas*, foge sem razão, *vive apressadinha e é modesta; casada com um galo chamado Luís*, e deu à luz uma *coisa feinha e magra*, o frango Hermany. Ao longo de episódios curiosos e divertidos, e através do cruzamento da

realidade com a fantasia, podemos encontrar frequentes referências que nos permitem questionar, entre outros aspectos, o papel da mulher, da dona de casa e o próprio absurdo desse quotidiano.

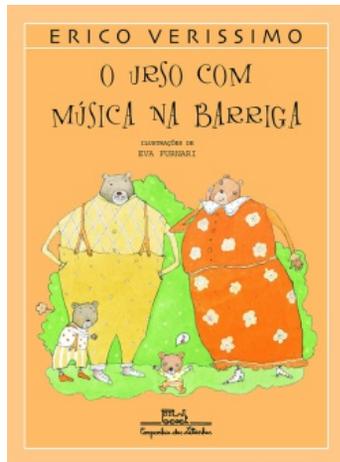
Em sala de aula, dado que a linguagem utilizada é o português do Brasil com variantes, pode ser oportuno e interessante ensinar a ler e a usar as notas de rodapé mostrando para que servem, quando e como se usam.

Vou logo explicando o que quer dizer “vida íntima”. É assim: vida íntima quer dizer que a gente não deve contar a todo o mundo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa.

Pois vou contar a vida íntima de Laura.

Agora adivinhe quem é Laura

Dou-lhe um beijo na testa se você adivinhar, e duvido que você acerte! Dê três palpites. (p. 9)



O urso com música na barriga

Texto de Erico Veríssimo
Ilustrações de Eva Furnari
Ambar, 2005

Podemos falar de muitas histórias e, lá no meio delas, encontramos a história do Urso-com-Música na Barriga que só começa, de facto, na página 22. Entretanto, ficamos a conhecer os bichos do Bosque Perdido com as suas particularidades e relacionamentos mais ou menos estranhos: o Lagarto Preguiçoso, o Vaga-Lume-Faceiro, o Macaco-Patusco, o Tucano-Narigão, a Vaca Amarela, o dr. Burro-Peludo, a Dona Anta-Gorda, a Garça-Neve, o Jacaré-Deixa-Estar, o Veado-Manco, a Onça-Pintada, a Cobra-Coral, o Tamanduá-Bandeira, o Marandová-Veludo, a Abelha-Trabalhadora, o jabuti João-de-Barro, a Cigarra-Serenateira, o Sapo-Boi.

É assim esta obra de Erico Veríssimo. Divertida, coloquial, envolvente, rica de imagens, cuja leitura nos ativa a imaginação e nos leva a passear naquele bosque, até à casinha azul onde vivem o Urso-Pardo, Dona Ursa-Ruiva e o filho Urso-Maluco. Certo dia, Dona Ursa-Ruiva manifesta o desejo de ter mais um ursinho, aliás uma linda ursinha parda. E, talvez assim acontecesse, se o bilhete enviado a Dona Cegonha-Cor-de-Rosa não tivesse sido escrito pelo Urso-Maluco, *um sujeitinho impossível*. Quem chega, finalmente, é um ursinho diferente quase um ursinho de brinquedo que, em vez de falar, toca música. Passada a surpresa e resolvidos os receios, a vida continua até que o ursinho se vê envolvido numa espécie de odisseia. Confundido com um urso de brinquedo, acaba afastado da família e é negociado de mão em mão, até conseguir fugir e regressar a casa ajudado pela *Lua que lá do céu conheceu o Urso-com-Música-na Barriga e, por intermédio do vento, mandou um recado ao Pai Urso dizendo-lhe onde estava o seu filho*. A leitura deste livro pode levar-nos facilmente à produção escrita. É só dar a escolher um, dois, três dos bichos que vivem no Bosque Perdido e inventar um sem número de histórias. Eu cá escolhia o Tucano-Narigão que recitava versos de fraque preto e gravata vermelha e a Vaca-Amarela, com lábios pintados e brincos amarelos.

Pois foi nesse lindo bosque que se passou a história do Urso-com-Música na Barriga. Uma coisa nunca vista! Todos os bichos falaram. Os jornais do Bosque Perdido publicaram a notícia, com fotografias. Mas é melhor a gente começar bem do princípio, não acham? Prestem atenção. Foi assim: Você está a ver casinha alta com telhado amarelo lá no meio dos pinheiros altos? Aquela com a chaminé fumegando... (p. 22)

Pinok e Baleote

Texto de Miguel Horta

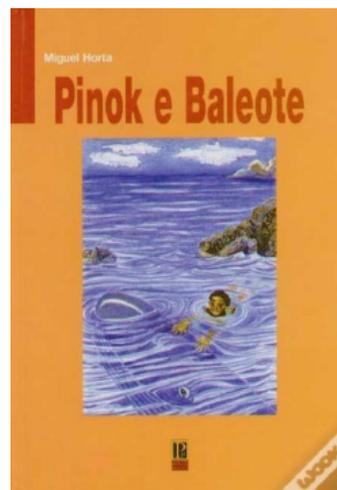
Ilustrações de Miguel Horta

Pé de Página Editores, 2006

Miguel Horta, no seu jeito de contador de histórias, leva-nos até Cabo Verde e apresenta-nos *Djon di Tareza e Matias*, de *nominho Pinok*, que vive em Tamarindo, uma ilha que não vem no mapa. Djon é um menino com tanta habilidade para mentir que as suas mentiras são famosas. E é exatamente por isso que ninguém acredita que é amigo de um menino-baleia, o Baleote. Como *um amigo serve para ajudar...*, Baleote avisa-o de sucessivos perigos que ameaçam a ilha. Se ao princípio o mandam *passear fantasia para outro lado*, acabam por o escutar e a aldeia inteira corre à praia de areia negra numa romaria de agradecimento e de solidariedade.

É uma obra que oferece um caminho fácil para a abordagem de temas de grande importância e atualidade: a relação dos homens com os animais, a solidariedade que se pode gerar em defesa da natureza e do meio ambiente. As baleias ajudam os homens, há homens a tentar caçar baleias, mas também são os homens que as defendem e ajudam.

Através de uma linguagem simples e divertida, em que se cruzam de forma harmoniosa os dialetos e formas de linguagem locais, mergulhamos numa cultura e realidade diferentes. O uso do crioulo ao longo do texto desperta no leitor a vontade de ler em voz alta, mesmo antes de consultarmos o indispensável glossário no final do livro. As ilustrações completam e sublinham o ambiente cultural em que decorre a narrativa. *Pinok e Baleote* tem lugar reservado nos nossos tempos de leitura na escola.



P

“*Nhu Fininho*, recentemente eleito presidente da Câmara, inaugurou, entre foguetes e festa, uma placa na estrada principal, onde se pode ler o novo nome da aldeia: Calheta da Baleia

Sapatinha rubera riba

Sapatinha rubera baxu

Ken ki sabe más

Konta midjor

(p. 33)